


Teresa Veiga - *Cidade infecta*. Lisboa: Tinta-da-China, 2020.

Gabriela Silva* 

Publicado em 2020 pela Tinta-da-China, *Cidade Infecta* é o segundo romance de Teresa Veiga, depois de *A paz doméstica* (1999). A autora é contista e romancista. Nascida em Lisboa em 1945, é licenciada em Direito e Literaturas Românicas, tendo também exercido a atividade de conservadora do Registro Civil. Sua obra é composta por *Jacobo e outras histórias* (1980), *O último amante* (1992), *A paz doméstica* (1999), *As enganadas* (2003), *Uma aventura secreta do Marquês de Bradomín* (2008) e *Gente melancolicamente louca* (2015). Foi contemplada por prêmios como o P.E.N. do Clube Português (1993) e o Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco (1992, 2008, 2016).

A ficção de Teresa Veiga detém-se de forma singular sobre o feminino, descrevendo a psique feminina, assim como as relações amorosas, familiares e culturais na sociedade portuguesa do século XX. Suas narrativas abordam a opressão sofrida pelas mulheres, além de questões de sexualidade, violências, medos e sentimentos diversos. Suas personagens vivenciam experiências que retratam a vida cotidiana, evidenciando a construção de identidades através de subversões ao patriarcado e aos estigmas sociais repetidamente impostos às mulheres.

Cidade Infecta é um romance sobre o feminino. Narrado em terceira pessoa, transcorre na pequena localidade de Oliveira, situada a cerca de 150 km de distância de Lisboa. Em quatorze capítulos, são apresentadas as duas personagens principais, Raquel e Anabela, mulheres de vidas completamente diferentes, mostrando a sua inusitada e improvável amizade. Raquel, professora do secundário, sofisticada e cidadina, é casada com Pedro, ambicioso advogado. Anabela, simples e provinciana, trabalha como vendedora em uma loja de tecidos, além de ser casada com Rogério, funcionário de uma repartição pública. A aproximação das duas mulheres ocorre durante um curso de informática, evoluindo de uma camaradagem de colegas a uma intimidade repleta de afetos. Raquel é admirada por Anabela, que passa a ler mais, vestir-se melhor, procurando pontos de contato com a vida da amiga que lhe servia de modelo em elegância e educação. Eram personalidades opostas e complementares:

* Doutora em Teoria da Literatura e professora da Universidade Federal de Lavras – MG, Brasil. E-mail: srtagabi@gmail.com.

Entre elas havia, sem dúvida, uma lista impressionante de afinidades: casadas há cinco anos, sem filhos, nem esposas amantes nem bem-amadas, mal vistas ou, melhor dizendo, odiadas pelos sogros, bastante bonitas, inteligentes, ambas descontentes com a sua sorte e dispostas a agir para mudar. Em comparação, as diferenças de fortuna, de meio social e até de temperamento pareciam bem pouco significativas (VEIGA, 2020, p. 58).

A construção narrativa de Teresa Veiga oferece-nos a descrição das vidas dessas duas mulheres e as diferentes relações estabelecidas com os maridos, famílias e trabalhos. Anabela e Rogério são casados há cinco anos e não têm filhos, o que durante algum tempo foi motivo de discussões. Anabela, de origem humilde, não é bem vista pelos sogros, que questionam os gastos com a festa pomposa de casamento exigida pela noiva. Ao longo dos anos, as brigas e as desavenças pelo desejo do filho que não vinha – com tratamentos e acusações de esterilidade – levaram ao desgaste da relação e à busca por soluções em viagens e conselhos religiosos sobre o matrimônio. Raquel, casada com Pedro Nobre, herdeiro da fábrica de sabão Nobre & Filhos, mantinha uma vida requintada, elegante e também problemática. Além dos comprimidos para dormir, havia a ideia do filho que não se consumava, materializada por um quarto arranjado pela sogra, decorado para a espera do neto. As coisas corriam muito mal, pois o marido imputava à Raquel a esterilidade que ele se recusava a verificar com exames médicos.

Outros vértices são construídos na narrativa: um deles é o grupo de jovens, liderados por Luís Palmeiro, aluno predileto de Raquel, que invadia casas pelo prazer de viver o perigo e a adrenalina. Há ainda a relação extraconjugal de Anabela e o Sr. André, dono da loja de tecidos, desencadeada pela carência da vendedora e pelo desejo do chefe. Rogério também experimenta a atração por Isabela, estagiária da repartição. A amizade de Raquel e Anabela é atravessada por uma tragédia: Anabela é assassinada brutalmente nas imediações de casa. A culpabilidade do marido fica em segundo plano, pois ele era visto como incapaz de fazer mal a qualquer pessoa. A amiga era considerada por Raquel como uma mulher independente, e era justamente essa independência que motivava comentários do caso com o chefe:

Aliás, Anabela não se enquadrava no estereótipo que faz da mulher a eterna vítima, a impotente, a oprimida, contra o macho violento e dominador. Era uma mulher independente, fazia o que queria, passava muito tempo fora de casa e até começavam a correr certos rumores de que poderia ter uma ligação clandestina (VEIGA, 2020, p. 142).

Raquel segue o percurso de sua vida, descobre que está grávida e inicia um novo período em que a maternidade lhe ocuparia os dias. Os cuidados com o filho permitiam que ela se afastasse dos momentos em que a família do marido já não lhe era suportável. Com o tempo, as questões relacionadas à morte de Anabela vão tomando dimensões diversas, como os questionamentos sobre a identidade do assassino, a culpa de Rogério e as motivações que levaram ao crime. A cidade

infecta, que dá título ao romance, é a referência que a própria Raquel faz ao avistar Oliveira da estrada: “Cidade infecta, pensou, mas para quem vem do nada que é Vilar de Fóios até uma cidade infecta pode ser, se não a salvação, uma esperança de vida” (VEIGA, 2020, p. 153). A definição da personagem sobre o que avista e como sente a cidade – refúgio e, ao mesmo tempo, um lugar contaminado pela sujeira – é correlacionada às diferentes vivências de Raquel e Anabela e às suas noções de amor, maternidade, desejo e sobrevivência em uma sociedade incontestavelmente controlada pelos homens, cujos comportamentos são imputados às mulheres em forma de regras e conveniências sociais.

Teresa Veiga explora em sua ficção, mais uma vez, as tensões do feminino, articulando-as através de personagens que emergem do próprio cotidiano como indivíduos que se defrontam com uma sociedade conservadora, arraigada em comportamentos e formas de pensar os relacionamentos e os posicionamentos ideológicos que dão ênfase à manutenção do poder masculino e ao apagamento da opinião feminina. No âmbito da sua ficção, afigura-se a resistência contra um sistema dominante cultural e artístico de representações do feminino através de personagens ideologicamente oprimidas pelas opiniões masculinas. As personagens protagonistas de *Cidade infecta* vivenciam momentos de dominação, crítica severa e discriminação, assim como a constante tentativa de supremacia do masculino sobre o feminino, em abordagens que discutem temas como a independência, a maternidade e o adultério.

A literatura portuguesa, em especial aquela que contempla os séculos XX e XXI, apresenta uma vertente de escritoras *sui generis* na construção de um imaginário feminino: Florbela Espanca, Irene Lisboa, Agustina Bessa-Luís, Teolinda Gersão, Ana Luísa Amaral, entre outras. São manifestações particulares que evidenciam a tentativa de rompimento com um sistema de representações e vozes que destacam particularmente o masculino. Teresa Veiga integra esse grupo de autoria feminina, concentrando suas narrativas em um universo cuja substância principal é a mulher portuguesa do século XX. A leitura de sua ficção oferece ao leitor a possibilidade de inúmeras interpretações sociais, históricas e estéticas da literatura portuguesa, propondo um olhar crítico particular e renovador.

Referências

VEIGA, Teresa. *Cidade infecta*. Lisboa: Tinta-da-China, 2020.

Recebido em 3 de fevereiro de 2022.

Aprovado em 31 de março de 2022.